

CONTACT / 1997

(CONTACTO)

Um filme de Robert Zemeckis

Realização: Robert Zemeckis / **Argumento:** James V. Hart e Michael Goldenberg (com a colaboração de Carl Sagan e Anne Druyan) a partir romance homónimo de Carl Sagan / **Fotografia:** Don Burgess / **Direção Artística:** Ed Verreaux / **Montagem:** Arthur Schmidt / **Música Original:** Alan Silvestri / **Intérpretes:** Jodie Foster (Eleanor Arroway); Matthew McConaughey (Palmer Joss); Tom Skeritt (David Drumlin); David Morse (Ted Arroway); Jena Malone (Eleanor em criança); William Fichtner (Kent); John Hurt (S.R. Harden); James Woods (Michael Kitz); Angela Bassett (Raquel Constantine); Rob Lowe (Richrad Rank); Jake Busey (Joseph, o terrorista) etc.

Produção: Robert Zemeckis, Steve Starkey Carl Sagan e Ann Druyan para a Warner Bros./ **Cópia:** em 35mm, cor, da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, legendada em francês e alemão e electronicamente em português / **Duração:** 150 minutos / **Estreia Mundial:** Estados Unidos e Canadá a 11 de Julho de 1997 / **Estreia em Portugal:** 17 de Outubro de 1997 nos cinemas Amoreiras, Alfa, Fonte Nova, Monumental, Quarteto, S. Jorge, Colombo, Olivais.

Contact, o filme, é uma adaptação relativamente fiel do romance homónimo de Carl Sagan, publicado doze anos antes, em 1985. O próprio autor, que morreu em Dezembro de 1996, durante a rodagem do filme, e sua mulher – Ann Druyan - estiveram envolvidos na elaboração do argumento e, no genérico, ambos vêm creditados como “co-produtores”, tendo sido deles – a fazer fé nas declarações do próprio Zemeckis – a escolha de Jodie Foster para interpretar o papel da protagonista.

Contact, tendo todos os ingredientes para ser um filme extremamente ambicioso (para não dizer pretensioso), ao colocar em evidência as questões filosóficas com que a humanidade se debate desde os primórdios da civilização: “quem somos; de onde vimos; para onde vamos”, consegue, de certa forma, elidir essas questões, ao centrar-se, não na resposta, mas na forma e na atitude moral, de as abordar. No fundo, como bem notou Mark Robbins (*in* Dirigido, nº 260), “o filme é uma fábula habilmente moralista sobre a possibilidade de coexistência pacífica entre a ciência e a religião”.

Numa entrevista, publicada no mesmo número da citada revista, Robert Zemeckis, quando questionado se foi difícil encontrar esse equilíbrio entre a ciência e a fé, responde: “Não, porque o filme não se pronuncia nem por uma nem por outra.

(...) Podemos ter ideias muito claras, mas devemos respeitar a dos outros.(...) Assim como não tento impor as minhas ideias aos outros, não quero que os outros imponham as deles a mim. Imagino que haja quem me critique por ser ambíguo, mas não se pode agradar a todos.”

E, efectivamente, é essa ambiguidade que “salva” o filme, evitando habilmente o discurso panfletário de quem tem as repostas todas, para, ao invés, colocar questões, nunca sendo peremptório nas respostas.

Eleanor Arroway, em criança, está obcecada pelo rádio amador, na secreta esperança, que com um emissor e uma antena suficientemente potentes, consiga falar com a falecida mãe. O facto é que quando, anos mais tarde, viaja (seja qual for o “meio de transporte” utilizado) pelo espaço, quem encontra é o pai, que entretanto também morrera. Viagem essa que, como Deus, não consegue cabal e inequivocamente provar que alguma vez tenha existido.

Mas, filosofia(s) à parte, na minha opinião, a grande força de **Contact** está na personagem de Eleanor Arroway. É toda a energia que Jodie Foster empregou (e em certa medida também Jena Malone, que a interpreta em criança) para dar carne e alma uma personagem tão teórica e fria. É a força dela que dá “a verdade”, a sinceridade ao filme.

Pena é que, com a excepção de John Hurt (a personagem merecia mais tempo no ecrã), todos os outros personagens / actores - sobretudo Palmer Joss, o padre frustrado (Matthew McConaughey), o “mau” (Tom Skeritt) e o ceguinho Kent (William Fichtner) - sejam precisamente o oposto: artificiais, estereótipos, desprovidos de essência.

João Pedro Bénard